

CAMARÃO DA LAGOA DE PATOS

MITOS, ESPECULAÇÕES E A REALIDADE DA PRODUÇÃO

| MARCELO BORBA*

Escrevemos este documento especialmente para aqueles que, anualmente, vem passando pela “tortura” da boataria e especulação em relação à produção e comercialização de camarões obtidos pela pesca extrativa na Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul.

Não há motivos para se deixar pressionar pelos atravessadores oportunistas, uma vez que apenas nós, produtores de camarão, podemos oferecer ao exigente e específico mercado nacional a sua real demanda.

O Brasil, que fechou a produção anual de camarão oriundo da carcinicultura em 71 mil toneladas em 2011, projeta um incremento de 13 a 15 pontos percentuais para 2012, quando deve, novamente, ultrapassar a casa das 80 mil toneladas.

Sistematicamente, todavia, os produtores brasileiros de camarão, que desenvolveram de forma ordenada, rápida e responsável o mercado interno deste crustáceo dando muito mais profissionalismo ao setor, se veem postos em situação de desconforto por ocasião da boataria que ronda a “mítica e famosa” produção do já mencionado ecossistema.

Neste sentido, vimos fazer alguns esclarecimentos que achamos pertinentes e importantes:

1. É fato que sim, há camarão em razoável quantidade, neste ano de 2012 na Lagoa, podendo a safra se aproximar daquela observada em 2005, quando foi capturado cerca de quatro mil toneladas, (menos de 6% da produção nacional). Todavia, o fato é que se mostra bastante complicado ter uma estimativa correta,

Porquanto, sabemos que a pressão dos compradores tende a crescer **bastante** neste período e principalmente em março, quando se encerra definitivamente a “safra da Lagoa”

pois a pesca extrativa é muito pulverizada e grande parte sai de forma informal e clandestina;


2. Hoje, eles (os atravessadores) estão comprando camarões com tamanho até cerca de 150 peças por quilo (mais ou menos 6,5 gramas) por R\$ 4,00/kg. A expectativa é a de que este camarão aumente ainda um pouco mais de tamanho nas próximas semanas, por ocasião de um maior crescimento observado em detrimento da diminuição da biomassa remanescente de camarões na “Lagoa”;

3. A pesca deve se estender até no máximo final de março;

4. Sobre a questão do mercado, esse camarão pescado na “Lagoa” não tem como competir com o camarão de cativeiro vindo do Nordeste, tanto pelo tamanho como pela qualidade, uma vez que o primeiro é utilizado essencial e basicamente para filés miúdos e/ou molho.

Por fim, sabemos que várias empresas do Sul e Sudeste brasileiros continuam comprando camarão do Nordeste para abastecer os mercados do eixo Rio – São Paulo, Centro-Oeste, Sul e demais polos nacionais de consumo, uma vez que o camarão da Lagoa dos Patos não tem como atender essa exigente demanda.

Porquanto, sabemos que a pressão dos compradores tende a crescer bastante neste período e principalmente em março, quando se encerra definitivamente a “safra da Lagoa”.

Todavia, a certeza de que não há no mercado brasileiro camarão com quantidade, qualidade, peso e inocuidade capaz de competir com o que é produzido no Nordeste do Brasil, nos coloca em uma situação na qual apenas a união dos produtores no aspecto comercial, se faz efetivamente necessária para manter a valorização do produto. 

(*) **Marcelo Borba** é engenheiro de Pesca e consultor técnico da ABCC



Fotos: banco de imagens f&f